

Um modelo reflexivo para a Prática Pedagógica no 1º Ciclo do Ensino Básico construído a partir das áreas disciplinares

*Fernando Fraga de Azevedo, Maria Luísa A. Varela de Freitas, Nelson Lima,
Pedro Palhares*

Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho

Introdução

Aquilo que propomos é um modelo de Prática Pedagógica que contemple como vectores estruturantes os princípios da reflexividade, da integração não destrutiva das especificidades das áreas disciplinares, da qualidade e da promoção de agentes de mudança.

Focalizaremos a nossa reflexão na Prática Pedagógica de 4.º ano, estando embora cientes da necessidade de articulação vertical da Prática Pedagógica, que deve ser uma componente não espartilhada do curso de formação de professores do Ensino Básico – 1.º Ciclo.

Temos ainda como pressuposto da nossa concepção que um curso de formação não deve ser um mero somatório de partes mais ou menos desconexas mas antes um projecto global tendente para a construção de profissionais capazes de intervir no sistema educativo no sentido da sua melhoria efectiva.

Princípios básicos

Há princípios que devem enformar a Prática Pedagógica, princípios os quais pensamos poder extrair de um conjunto de discriminações.

Quantidade versus qualidade

Parece fácil neste caso optar pelo primado da qualidade, o qual tem sido repetidamente advogado. No entanto concedemos que não deve haver desprezo pela quantidade, pois será esta que vai permitir um quadro mais amplo de referência para o formando.

Continuidade das intervenções versus continuidade das reflexões

Neste caso pensamos que uma situação intermédia de períodos relativamente prolongados de intervenção individual com paragens para reflexão servem melhor ambos os propósitos.

Socialização versus formação de agentes de mudança

Um profissional totalmente identificado com o que se passa nas escolas nunca poderá mudar a Escola, mas um profissional em total ruptura também não o consegue.

Integração do topo para as bases ou das bases para o topo

A integração dos saberes é um processo assaz complicado, que necessita de contribuição eficaz das áreas disciplinares sob pena de estas verem descaracterizadas as metodologias recomendadas (método experimental nas Ciências, resolução de problemas na Matemática, especificidade da dimensão estética na Língua Portuguesa, métodos de desenvolvimento de conceitos, como o do pensamento indutivo ou mesmo o de exemplos e não exemplos, etc.). Uma integração que não parta das áreas disciplinares nunca será uma integração dos saberes embora possa incluir conhecimentos das várias áreas na sua activação.

Crítica ao modelo mais comum

O modelo mais comum que enforma a Prática Pedagógica é um sistema em que, pressionando o binómio formandos-alunos, encontramos de um lado os professores cooperantes e do outro os professores especialistas das diversas áreas, com um terceiro grupo, o dos supervisores, a cair, por uma razão ou por outra, mais para um lado do que para o outro. Efectivamente este sistema tende por via da tensão permanente entre os dois grupos, com o dos professores cooperantes a tender para a reprodução das práticas e o grupo dos professores especialistas das áreas a incentivar para a mudança das práticas. Este sistema proporciona o aparecimento nos formandos de um sentido de protecção grupal contra uns e outros que não é propício ao seu melhor crescimento. Por outro lado quando se fala de grupo dos professores especialistas nem sempre se estará a falar de um grupo articulado, antes de um conjunto de personalidades de diversas formações académicas de base, tornando difícil uma total convergência. A falta de articulação deste grupo, poderá implicar a prazo que o sistema evolua para o controlo por parte dos professores cooperantes da Prática Pedagógica, consoolidando um processo de socialização apressado.

Proposta de um modelo reflexivo

Para que seja implementado um modelo que dê a maior abertura à reflexão sobre a formação, é necessário quanto a nós um certo número de condições. Primeiro, é necessário que exista articulação entre o grupo de professores cooperantes e o grupo de professores especialistas das áreas disciplinares. Esta articulação terá de ser construída aos poucos e passa pela oferta de formação especializada aos professores cooperantes e pela oferta da entrada nas salas/escola para observação/aprendizagem aos professores especialistas das áreas. Esta formação assim construída seria também a base de criação de novo conhecimento pela interacção criada e pelas possibilidades de investigação e/ou articulação teoria/prática. Assim, trabalhando em conjunto, libertar-se-ão os formandos da protecção grupal, beneficiando a recepção e produção

de reflexão crítica.

Na mesma óptica se deveria favorecer o trabalho individual prolongado dos formandos, já que isto implica uma menor diluição das responsabilidades, maior capacidade de reformulação e de integração curricular e sobretudo maior capacidade de reflexão crítica e autocrítica.

Os períodos de paragem devem suceder-se a períodos de actividade, com estes a servirem de momentos para reflexão e para planificação de novo período.

É nossa ideia que esta estrutura, numa visão sistémica, em que se vislumbra um processo de acção-reacção, pressupõe uma auto-avaliação contínua, de modo a aumentar a capacidade auto-correctiva do sistema.

1º Simpósio Nacional de Educação Básica Pré-Escolar e 1º Ciclo

**Formação de Professores do 1º Ciclo
e Educadores de Infância:
Questões do Presente e Perspectivas Futuras**

Programa e Resumos

Organização:

Isabel P. Martins

Gabriela Portugal

Universidade de Aveiro

Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa

Departamento de Ciências da Educação



Universidade de Aveiro
Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa
Departamento de Ciências da Educação

1^o
SIMPÓSIO NACIONAL
DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Pré-Escolar
ENSINO
BÁSICO
1^o Ciclo

Programa e Resumos

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO 1^o CICLO
E
EDUCADORES DE INFÂNCIA**

QUESTÕES DO PRESENTE E PERSPECTIVAS FUTURAS